



Maria Filomena Mónica Hobsbawm escreveu estas memórias para tentar responder à pergunta feita em todas as entrevistas que concedeu em tempos recentes: como era possível que um homem inteligente, culto e razoável pudesse continuar a declarar-se, como ele se declarava, comunista?

Memórias de um historiador famoso

Com 88 anos, Eric Hobsbawm é hoje o mais conhecido historiador mundial. O êxito é merecido, pois, entre outros livros, escreveu quatro obras importantes sobre um longo período da História europeia (1789 a 1991). Este historiador britânico preocupou-se sempre em dar-nos explicações acessíveis numa prosa capaz de extravasar os muros da universidade. Nunca sentiu a necessidade de se especializar, sendo capaz de nos dar uma visão da História da Europa, e das suas ramificações universais, abordando, com aparente facilidade, temas económicos, sociais, políticos e culturais. Daí que a sua obra tenha sido traduzida como nenhuma outra. Até os portugueses dispõem, em edições da Presença (nem sempre bem traduzidas), de “A Era das Revoluções” (a sua obra-prima), “A Era do Capital”, “A Era do Império” e “A Era dos Extremos”.

Eis que, em 2002, saiu, em Inglaterra, a sua autobiografia, “Interesting Times: A Twentieth-Century Life”, dada agora a lume, em Portugal, pela editorial Campo das Letras, numa boa tradução de Miguel Serras Pereira.

Estas memórias merecem ser lidas, tanto pelo que o autor diz sobre os ambientes em que viveu, como sobre si próprio. Logo no início, alerta para o facto de a obra se afastar das memórias clássicas: “Acrescente-se que este livro não foi escrito no registo confessional, hoje tão vendável, o que em parte acontece porque a única justificação para uma tal viagem ególatra é o génio — e eu não sou nem um Santo Agostinho nem um Rousseau — e em parte porque ninguém que escreva a sua autobiografia poderá revelar a verdade privada acerca de assuntos relacionados com outras pessoas vivas, sem ferir injustificadamente os sentimentos de algumas delas. (...) O que procuro é a compreensão histórica, e não o acordo, a aprovação, ou a simpatia do público.” Aqui reside uma das ambiguidades da obra. O autor quis escrever uma autobiografia sem estar no centro do livro, o que faz com que fique a meio caminho entre o género memorialista e o relato histórico. Adoptando a posição de “participante-observador”, Hobsbawm surge-nos como uma espécie de antropólogo do século XX, olhando, supostamente de fora, coisas que viveu por dentro.

Embora de forma esporádica, já o fizera em anteriores livros e, na minha opinião, com mais sucesso. Veja-se a brilhante “Abertura” de “A Idade do Império”, sobre os anos 1875/1914, quando nos fala das suas origens familiares, ou seja, daquela rapariguinha que, em Viena, no Verão de 1913, obtivera o diploma de estudos secundários (a mãe) e do jovem britânico que, algum tempo antes, embarcara de Londres a caminho do Egipto (o pai). O facto de ter optado agora por nos falar apenas do homem público é um desapontamento, porque o homem particular seria certamente tão, ou mais, interessante do que aquele. Poder-se-ia pensar, e o autor parece indicá-lo, que o fez por modéstia, mas, como veremos, ele é tudo menos modesto.

Isto não é uma reserva radical. O livro lê-se bem, é interessante e tem capítulos muito bons. Veja-se, por exemplo, a evocação, que ele faz no capítulo IV, da cidade de Berlim durante os últimos meses da República de Weimar. Sem a dura experiência por que passou, provavelmente não teria optado, como refere, pelo caminho que escolheu: “Os meses da minha estadia em Berlim fizeram de mim um comunista para toda a vida, ou, pelo menos, um homem cuja vida

perderia a sua marca característica e o seu sentido sem o projecto político a que se consagrou quando estudante, e isto apesar de esse projecto ter manifestamente falhado e de eu saber hoje que estava, de facto, condenado a falhar. O sonho da Revolução de Outubro permanece algures vivo em mim, nalgum recanto da minha intimidade, como se se tratasse de um desses textos que foram apagados, mas que continuam à espera, perdidos no disco duro de um computador, que um especialista apareça para os recuperar.”

Eric Hobsbawm decidiu, muito jovem ainda, ser comunista. Não existem factos que o demovam, nem argumentos que o abatem. Mesmo reconhecendo os crimes do estalinismo, prefere este regime ao capitalismo. Não hesitou em escrever: “Dou-me hoje conta de que continuo a tratar a memória e a tradição da URSS com uma indulgência e uma ternura que não sinto pela China comunista, porque pertenceo a uma geração para a qual a Revolução de Outubro representava a esperança do mundo, coisa que a China nunca significou.” Os jovens maoístas da década de 1960 não estarão decerto de acordo com ele.

Hobsbawm escreveu estas memórias para tentar responder à pergunta feita em todas as entrevistas que concedeu em tempos recentes: como era possível que um homem inteligente, culto e razoável pudesse continuar a declarar-se, como ele se declarava, comunista? Eis a resposta. “Escrever uma autobiografia supõe que reflectamos a nosso propósito como nunca antes o fizemos. No meu caso, isso consiste em limpar três quartos de século dos seus depósitos geológicos, e em recuperar, ou descobrir e reconstruir um estranho aí sepultado. Quanto mais recuo no passado e me esforço por compreender esse rapaz, desconhecido e longínquo, mais chego à conclusão de que, se ele tivesse vivido noutras circunstâncias históricas, ninguém lhe teria adivinhado um futuro de compromisso político apaixonado, embora quase toda a gente pudesse ter-lhe profetizado um futuro de intelectual.” Infelizmente, a explicação que fornece ao leitor para a sua opção partidária não é convincente, ou antes, é-o pelas piores razões. Leia-se o que afirma no capítulo 12, intitulado “Estaline e os pós-estalinismo”, onde explicitamente diz que continuou a ser comunista a fim de provar ao “establishment” que fora capaz de construir uma carreira académica, apesar da sua filiação partidária.

Ora, isto é uma mistificação. Ninguém nega que, desde o início, a universidade foi atravessada por lutas feudais e que, durante a guerra fria, alguns intelectuais de esquerda foram afectados, por motivos ideológicos, nas suas carreiras. Mas nada disso é actualmente verdade, nem o é desde os finais da década de 1960. Não é pacífico, como Hobsbawm pretende fazer crer, que um intelectual de esquerda tenha menos oportunidades do que um de direita. Há mesmo quem defenda o contrário. É possível que, nos anos 1950, lhe tivesse sido difícil ou até impossível obter uma cátedra numa das universidades da Ivy League. Mas, como ele sabe, o clima intelectual mudou. No início dos anos 1970, eu

própria o ouvi leccionar em Oxford, sem que os poderes do dia se sentissem minimamente ameaçados. A vitimização fica-lhe mal. Na América Latina, na Europa e até nos EUA, Hobsbawm é um historiador popularíssimo, como o próprio constatará, se olhar com atenção para a contabilidade relativa aos seus direitos de autor.

Mas na adolescência — quando o fascismo parecia ir dominar o mundo — decidiu ser comunista e, hoje, passados tantos anos e outros muros derrubados, é como comunista que quer morrer. Mesmo depois da invasão da Hungria, quanto muitos dos seus amigos deixaram o partido, decidiu ficar,

não só porque, como afirma, detesta a companhia dos intelectuais ex-comunistas, mas por um grau de orgulho impensável. Eis, nas suas palavras, a explicação: “Desembaraçar-me do ‘handicap’ da pertença ao partido poderia ter melhorado as minhas possibilidades no plano profissional, sobretudo nos Estados Unidos. E ter-me-ia sido mais fácil fazê-lo sem alarde. Mas consegui provar a mim próprio que era capaz de ser bem sucedido (...) sem deixar de ser reconhecidamente comunista e vencendo esse ‘handicap’, em plena guerra fria.” No fundo, a sua ligação ao comunismo está mais relacionada com a teimosia serôdia do que com o marxismo.

Apesar de não ter modificado a minha opinião quanto aos seus méritos como historiador, fiquei com menos respeito pelo homem após ter lido este livro. Este tem contudo duas vantagens: permite-nos ficar a conhecer melhor o século XX e, pelo caminho, verificar até onde nos pode levar a arrogância intelectual. A tradução é boa, a mancha tipográfica má e o índice incompleto. Sei que, por razões financeiras, os editores portugueses tendem a não publicar, no final, índices que, além de toponímicos e onomásticos, sejam ideográficos. Mas, neste caso, não percebo qual o motivo que levou a editora Campo das Letras a não incluir, na íntegra, o índice remissivo que vem incluído na edição da Allen Lane. É um pormenor, mas é um pormenor que prejudica o leitor.

Um colega de Eric Hobsbawm, o historiador A. J. P. Taylor, escreveu, no prefácio às suas próprias memórias, que o facto de as ter redigido provava, acima de tudo, que havia esgotado os assuntos históricos (1). Eis algo que Hobsbawm jamais teria a coragem de afirmar. Ambos britânicos, ambos de esquerda, ambos excelentes prosadores, ambos simultaneamente cosmopolitas e imbuídos da cultura inglesa, eles são, do ponto de vista temperamental, o oposto um do outro. Hobsbawm é demasiado solene para preferir algumas das afirmações — e até alguns disparates — que o iconoclasta Taylor publicou. A traduzir as memórias de um historiador moderno, teria escolhido as de A. J. P. Taylor, mais confessionais, mais complexas e certamente mais divertidas. •



Tempos Interessantes: Uma Vida no Século XX

AUTOR
Eric Hobsbawm
TRADUTOR
Miguel Serras Pereira
EDITOR
Campo das Letras
552 págs., €29,40

1 — A. J. P. Taylor, “A Personal History”, Londres, Hamish Hamilton, 1983.